

OS “PARAÍÇOS ARTIFICIAIS” NA LITERATURA: DE THOMAS DE QUINCEY A CHARLES BAUDELAIRE

Ester Pantoja GONÇALVES¹(UFPA)
Orientador. Prof. João Paulo Marcelino GONÇALVES (UFPA)

RESUMO

O presente artigo propõe estudar os “Paraísos Artificiais” na literatura, a partir dos livros *Confissões de um comedor de ópio* (2002) de Thomas de Quincey (1785-1859), com ênfase no livro *Os Paraísos Artificiais* (1998) de Charles Baudelaire (1821-1867). Para isso, utilizaremos, teoricamente, o conceito filosófico de Arthur Schopenhauer sobre o mundo como vontade e representação, entre outras abordagens teóricas. O processo metodológico se dará por meio da análise de passagens do livro de De Quincey e de poemas do referido livro de Baudelaire. O artigo se desenvolverá a partir de uma contextualização inicial do estilo Simbolista.

PALAVRAS-CHAVE: Paraísos Artificiais. Simbolismo. Baudelaire. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de muito se pesquisar sobre o Simbolismo como também suas obras e autores, é necessário que façamos um trabalho semelhante nesse artigo. Começaremos a falar sobre como e em quais circunstâncias surgiu o Simbolismo, o que levou os poetas a introduzirem uma poesia diferente das existentes no período, o que causou o decadentismo. Nos tópicos posteriores, citaremos os “Paraísos Artificiais” presentes nas obras de Baudelaire, falaremos, a partir de excertos dos poemas, das sensações causadas pelas drogas, utilizaremos citações dos autores que relatam o poder dos alucinógenos sobre a mente de quem as utiliza, sendo que muitos que as utilizam pretendem alcançar o “Nirvana” tão buscado pelos budistas.

A partir de agora iniciaremos o desenvolvimento deste texto regressando um pouco na história para que compreendamos o início do movimento literário simbolista.

2 SIMBOLISMO: BASES FILOSÓFICAS, CARACTERÍSTICAS, OBRAS E AUTORES

Para que possamos compreender e conceituar o Simbolismo, precisaremos nos adentrar um pouco na história e regressar aos meados do século XIX. Nesse período, não só a França como a Europa estava passando por um momento importante de transição, muito pelo advento da Revolução Industrial, e é nesse momento que surge o movimento literário simbolista e obras relevantes do período como *As Flores do Mal* de Baudelaire. Momento em que houve um exacerbado desenvolvimento tanto industrial quanto cultural, com isso o homem procurou explicar por meio da ciência os fenômenos naturais e sociais.



As mudanças na vida do homem estavam acontecendo com muita rapidez, e o êxito brilhante da ciência faziam com que emergisse a ideia de que tudo o que estava relacionado aos fenômenos, fossem passíveis de serem explicados pelas teorias científicas vigentes no momento. Em meio a esse triunfo da ciência, surgem intelectuais que vão contra as teorias da metafísica¹. Pensadores como Augusto Conte e o Positivismo, Taine e o Determinismo, Lamark e Darwin e o Evolucionismo estavam tomados pela razão. Uns buscavam conhecer o homem através de suas teorias, outros se apoiavam em conhecimentos racionalistas. Embora houvesse de um lado uma evolução incessante, por outro se iniciava um momento repentino de ruptura do equilíbrio por trás dessa euforia. Filósofos posicionavam seus pensamentos em oposição à atitude científica e materialista. Questionava-se também a ciência sobre qual a função exercida por ela na vida do homem, apesar de o progresso técnico-científico trazer facilidades em muitas coisas para os homens, tal progresso não deixou de trazer da mesma forma uma

Sensação de angústia pela aguda conscientização de a sua pequenez no universo, onde ele seria uma ínfima partícula, levando-o a questionar o seu papel nesse cosmo impossível, organizado e, mais que tudo silencioso. Entram em choque a pretensa explicação científica do mundo e a incompreensão natural da vida. (FRAGA, 1992, p. 24)

Surge então no homem um mal-estar, um pessimismo sentimental, um espírito decadente, e é esse ser que se fecha pra o mundo para encontrar conforto em sua própria solidão, que não consegue racionalmente entender e analisar o mundo em seu exterior, passando a negá-lo, voltando-se para uma realidade não mais objetiva. Renascem as tendências espirituais; o inconsciente e o subconsciente são valorizados. Por isso “há a preocupação de tornar próximos da religião, da poesia e da metafísica. Os poetas procuram visar à transcendência, a natureza, Deus ou até mesmo o Nada”. (BOSI, 2009. P.293)

O Simbolismo surge em oposição ao Realismo-Naturalismo, sendo que houve uma forte influência do misticismo que vinham da grande permuta das artes, pensamentos e religiões advindas do oriente. Há uma retomada na literatura de alguns ideais presentes no Romantismo. Sendo que as mesmas eram correntes literárias que a elite social estimava muito.

¹ É um ramo da filosofia que estuda a essência do mundo. Ocupam-se em procurar responder perguntas tais como: O que é real? O que é natural? O que é sobrenatural? O ramo central da **metafísica** é a ontologia, que investiga em quais categorias as coisas estão no mundo e quais as relações dessas coisas entre si. A **metafísica** também tenta esclarecer as noções de como as pessoas entendem o mundo, incluindo a existência e a natureza do relacionamento entre objetos e suas propriedades, espaço, tempo, causalidade, e possibilidade.



2.1 PRINCIPAIS BASES FILOSÓFICAS

Primeiramente falaremos sobre a teoria platônica, que se divide em quatro: Teoria das Ideias, Teoria da Participação, Teoria da Reminiscência e Teoria da Metempsicose, pois afirma “Platão que as coisas deste mundo são percebidas por sentidos, não possuem ser verdadeiro: elas sempre vêm a ser, mas nunca são” (PLATÃO apud SHOPENHAUER, 2006, p. 8). Na teoria das ideias, segundo Schopenhauer, é que

Reconhecíamos a ideia de Platão em tais graduações, na medida em que estas são as espécies determinadas, ou as formas e propriedades invariáveis originárias de todos os corpos naturais, orgânicos ou inorgânicos, como também as forças genéricas se manifestando conforme leis naturais. Tais ideias, portanto se manifestam em indivíduos e particularidades inumeráveis, comportando-se como modelo para estas suas imagens. A multiplicidade de tais indivíduos é concebível unicamente mediante o tempo e o espaço, seu surgir e desaparecer unicamente mediante a causalidade. (SCHOPENHAUER, 2006, p. 5).

Detectamos nas teorias de Platão que não existe apenas um mundo, e sim dois. De maneira que um é sensível e o outro inteligível. O primeiro se compõe por ideias que não tem princípio nem fim, em que o conhecimento não é verdadeiro, mas aparente. São ideias que duram para sempre, invisíveis e dotadas de uma existência proveniente, diferente das coisas concretas. O outro é constituído por uma imitação das ideias (coisas sensíveis). Tais ideias são as (sombras) que a alma contemplou no mundo inteligível, sendo que a realidade não nos é dada através dos sentidos, mas só é possível ser deduzida por meio da razão, e está no mundo das ideias.

Esta é a primeira teoria, a segunda advém de diálogos com Fédon², essa teoria presumiu que há a existência de uma correspondência entre as ideias e as coisas sensíveis.

Aqui o filósofo argumenta que, por meio dos sentidos, é possível identificar a existência de coisas iguais e de outras análogas, na realidade sensível, porém, jamais encontramos correspondência com tais dados, pois não existe coisa sensível perfeitamente quadrada ou circular. (PLATÃO, apud ESPÍNDOLA, 2011. p. 23).

Na teoria da Reminiscência, há uma conjectura de que existe um saber inato que pode ser recuperado. Tal saber pode ser refeito a partir da reencarnação da alma, onde “a alma configura-se imortal, tendo já nascido outras vezes” (PLATÃO apud ESPÍNDOLA, 2011. p. 22). Podemos verificar na citação a seguir em que Platão exemplifica sua doutrina com o mito do escravo que aprende relembrando o Teorema de Pitágoras, o qual é interrogado habilmente por Sócrates.

Sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas <que estão> aqui quanto as <que estão> no Hades, enfim todas as coisas,

² Podemos considerar que o Fédon é o mais pitagórico dos diálogos platônicos. É nesse diálogo que na prisão, à espera de cicuta, Sócrates debate sobre a morte. O diálogo relata o caminho socrático, retomado e desenvolvido por Platão: o conhecimento como reminiscência e a doutrina das ideias.



não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanta com respeito à virtude quanto ao demais, ser possível ela rememorar aquelas coisas justamente que já antes conhecia. Pois sendo a natureza toda congênere e tendo a alma aprendido todas as coisas, nada impede que, tendo <alguém>rememorado uma só coisa – fato esse precisamente que os homens chamam aprendizado-, essa pessoa descubra todas as outras coisas, se for corajosa e não se cansar de procurar. Pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração. (PLATÃO apud ESPÍNDOLA, 2011, p. 23).

Essa teoria é fundamentada pela teoria da Metempsicose, em que prega a imortalidade da alma e as sucessivas reencarnações que podem ser em corpos diversos, sendo humanos animais ou até mesmo em plantas.

Arthur Schopenhauer é também um dos filósofos em que os Simbolistas tiveram base. Em sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*, à vontade “mostra-se no mundo bruto, na natureza vegetal, e nas suas leis, assim como parte vegetativa, do nosso próprio corpo” (SHOPENHAUER, 2001, p. 288). É como se a vontade vivesse dentro de toda coisa ou ser. A vontade é que está no controle, e a razão opera como ferramenta, de maneira que essa vontade é irracional quer realizar-se, quer viver. Então podemos afirmar que a vida é manifestação total da vontade e o desejo de viver é o que conserva o homem em movimento. Para Shopenhauer (2001) uma

Veza assegurada esta existência, não sabemos que fazer dela, nem em que a empregar! Então intervém a segunda mola que nos põe em movimento, o desejo de nos livrarmos do fardo da existência, de o tornar insensível, “de matar o tempo”, o que quer dizer fugir do aborrecimento. (2001, p. 328).

Compreendemos diante da teoria de Shopenhauer que o mundo é apenas representação do sujeito, compreendemos também que o real é cego em si mesmo e também irracional enquanto à vontade.

As formas consideradas racionais não passariam de ilusão, seriam aparências, e a essência de todas as coisas estaria alheia à razão. Nessa teoria há um pessimismo extremo, porque a vontade é sem meta e gera dor. A felicidade nada mais seria do que apenas uma interrupção provisória de um processo de infelicidade maior, pois satisfação duradoura não existiria. Segundo o autor

Á medida que o conhecimento se torna mais claro e que a consciência aumenta, o sofrimento cresce, chegando no homem ao grau supremo; e é neste ponto tanto mais violento quanto melhor é o homem dotado de lucidez do conhecimento, quanto mais excelsa a sua inteligência: aquele em que está o gênio, é sempre aquele que maiormente sofre. (SHOPENHAUER, 1963. p. 77.).

O homem era ou é impulsionado cegamente pela vontade e pela razão à conquista do mundo. Mas nada se pode conquistar, pois a realidade é mera ilusão. Pois “querer aspirar, eis toda sua essência (do homem), estritamente igual a uma sede que nada pode mitigar. Mas a base de cada querer é uma falta, é uma indigência, é a dor”. (Ibidem, p. 80). Arthur Schopenhauer é muito

pessimista e ficou conhecido por isso, para ele o Budismo era uma confirmação dessa visão, porque no Budismo há um estado supremo de paz, o conhecimento e a felicidade são alcançados pela meditação. E esse estado é denominado **Nirvana**³.

Siddhartha Gautama, que é o Buda, faz uma descrição do budismo e o compara com uma jangada que após atravessar um rio, permite ao passageiro alcançar o Nirvana. É o ápice, ou melhor, é o mais alto ponto de meditação, no qual, seus praticantes acreditam que o espírito se desprende do corpo provisoriamente. Chegar a alcançar o Nirvana é como dissolver o ego, deixar de existir, como uma entidade que está afastada do restante do mundo e por isso chega a quebrar a roda do carma. Interrompendo o processo de contínuos renascimentos.

Após fazer a contextualização histórica e abordar toda a base filosófica, que de fato é preponderante para analisar a poética simbolista, vamos agora expor as características, autores e obras do movimento literário simbolista para assim compreendermos melhor a produção literária deste estilo de época.


2.2 CARACTERÍSTICAS DO SIMBOLISMO

O Simbolismo resgata a realidade subjetiva do Romantismo, porém sem exageros, busca a essência dos homens e da alma, visa à oposição existente entre matéria e espírito, a valorização do subconsciente e do inconsciente, a purificação do espírito. Sendo que “o Parnaso legou aos simbolistas a paixão do efeito estético. Mas os novos poetas buscavam algo mais: transcender os seus mestres para reconquistar o sentimento de totalidade que parecia perdido desde a crise do Romantismo.” (BOSI, 2009. p. 292).

Os poetas utilizavam também em seus poemas a musicalidade: música, a mais importante de todas as artes; aliterações, onomatopeias, sinestésias, assonâncias, metáforas e paronomásias. A linguagem utilizada é vaga, imprecisa e sugestiva. O subjetivismo e teorias que se voltam ao mundo interior; antimaterialismo em oposição ao positivismo; misticismo, dor de existir. Desejo de transcendência, de integração cósmica, deixando a matéria e libertando o espírito. O interesse pela exploração de zonas não conhecidas da mente, a loucura.

Embora acentue sob alguns aspectos o requinte da arte pela arte, o Simbolismo se opõe tanto ao Realismo quanto ao Parnasianismo, situando-se muito próximo das orientações românticas, de que é em parte uma revivescência. Não aceitando a separação entre sujeito e objeto, entre artista e assunto, para ele objetivo e

³ Segundo Albert Samuel, o nirvana é a abolição de toda vontade, de todo desejo, de toda sensação, de toda mudança, de todo devir. Não é nem felicidade eterna, nem nada absoluto. Mas estado inimaginável de inconsciência absoluta e de não ser. (...) Para o budismo popular, essa concepção mais ou menos inacessível se encarna em um lugar imaginário. Essa “morada imutável”, na qual o defunto conhece, enfim, uma espécie de existência imortal despojada de todos os tormentos da vida terrestre, é próxima do Paraíso.



subjetivo se fundem, pois o mundo e a alma têm afinidades misteriosas, e as coisas mais díspares podem revelar um parentesco inesperado. O espírito, portanto, não apreende totalmente nem traça um contorno firme dos objetos, dos seres, das ideias. Cabe-lhes apenas o recurso de aproximar-se da sua realidade oculta por meio de tentativas, que a sugerem sem esgotá-la. (CANDIDO; CASTELLO, 1997, p.295)

Os simbolistas interessavam-se pela loucura porque em sua concepção, o louco era um ser completamente livre por não obedecer a regras. Os textos comumente retratam seres efêmeros (gases, neve, fumaça, etc.). Imagens grandiosas (oceanos, cosmo, etc.), para assim expressar a ideia de liberdade. Pouco interesse pelo enredo e ação narrativa: pouquíssimos textos em prosa. Preferência por momentos incomuns como amanhecer ou entardecer, momentos de transição entre noite e dia. A linguagem é ornada, colorida, exótica, bem rebuscada e detalhada, as palavras são minuciosamente escolhidas pela sua sonoridade, num ritmo colorido, que traz a sugestão e não a narração.

2.3 PRINCIPAIS AUTORES E OBRAS

Não podemos falar dos autores sem primeiramente falar de Charles Pierre Baudelaire, considerado o precursor do Simbolismo. O poeta publicou sua obra *As Flores do Mal*, em 1857, no fim do século XIX. Essa obra foi causadora de um escândalo, pois nela o autor falava de temas ainda considerados tabus para a época. O autor a partir dela criou um modelo diferente de poesia. Na obra *As flores do Mal*, há imagens pesadas e alucinantes, pois o autor as compôs tendo como base os acontecimentos na Paris do século XIX. O autor introduz em sua obra poemas relacionados à crise existencialista dos homens, os amores sem sucesso e coisas repugnantes.

Outro autor de extrema importância para o movimento é Jean Nicolas Arthur Rimbaud, pois é o poeta que antecipa o Modernismo. Ele propõe a alquimia do verbo, sendo que não tem nada a ver com as práticas mágicas dos ocultistas, que desde o século XVIII aproximavam a poesia da magia e da alquimia. A alquimia do verbo é a fixação do inexprimível, a alucinação sensorial, a palavra é a realidade concreta e colorida obtida pelas vogais, animadas pelas consoantes. O Simbolismo herdou dele a atitude de inconformismo, a preocupação sensorial do verso livre. “Suas obras foram: *Uma Estação*” no *Inferno* (1873), *Iluminações* (1886).

Já Stéphane Mallarmé tem sua poesia não descritiva, nem narrativa, ela é sugestiva, observa-se a palavra em seu valor musical e a rebeldia sintática semântica. O Simbolismo herdou desse poeta a sugestão. Ele tem preferência na abolição do objeto que atua no poema para valorizar o que pode ser sugerido. “Stéphane Mallarmé pretende atravessar o caos do mundo sensível e do eu, para atingir um absoluto de pureza que se revela, afinal, o próprio Nada”. (BOSI, 2009. p. 294)



E Paul Marie August Verlaine traz em seus poemas a aproximação da música. O que realmente interessa não é somente a ideia clara ou a precisão do sentimento, mas o vago no coração, as indecisões dos estados de alma, o claro escuro das sensações, as aliteraões, as assonâncias. Dele o Simbolismo herdou a impressão musical e o apelo à espiritualização. Mas deve-se a Jean Moréas a formulação explícita das propostas simbolistas, divulgou um manifesto no qual afirmava que “Simbolismo” era o único termo capaz de designar as tendências vigentes na época. O autor enfatiza que

Entre nós, Cruz e Sousa sempre a manifestou, na forma e na concepção, cabendo a Alphonsus de Guimaraens insistir nas tonalidades esbatidas, nas musicalidades vagas, com uma singeleza, ou pelo menos uma discricão, que contrastam com ao que chamamos de Simbolismo. Mas em ambos ocorre o mesmo esforço de transcendência poética, que parece prolongar o verso em antenas voltadas para um mundo essencial, além da história, do cotidiano, da própria vida. (CANDIDO; CASTELLO, 1997.p. 295)

No Brasil, o Simbolismo é inaugurado com a publicação de *Broquéis* (poemas em verso) e *Missal* (poemas em prosa) (1893) de Cruz e Sousa. Prolongou-se até 1922, data da Semana da Arte Moderna. No Brasil o Simbolismo foi quase inteiramente abafado pelos movimentos que tiveram grande prestígio entre as camadas cultas da elite do país.

Nos poemas de Cruz e Souza há a presença marcante da musicalidade (constante uso de aliteraões), marcado também pelo individualismo, pelo sensualismo e às vezes até mesmo pelo desespero, pelo apaziguamento da obsessão pela cor branca. Nas influências advindas do Simbolismo podemos notar uma amalgama que confluem águas do satanismo de Baudelaire ao espiritualismo (e dentro dessas ideias budistas e espíritas) ligado não só a tendências estéticas existentes no momento como fases da vida do autor.

Diante de tais constataões históricas, filosóficos e de características do estilo literário, percebemos a influência nas obras dos autores de uma literatura de cunho metafísico, diferente daquela produzida no século XIX, com certa ênfase nas sensações causadas pelo uso das drogas, as quais são conhecidas como “Os Paraísos Artificiais”, tão presentes na vida de muitos poetas simbolistas, pois não só o vivenciavam, como também os colocavam em suas obras, detalhando suas sensações de maneira esplêndida.

3 O QUE SÃO OS PARAÍÇOS ARTIFICIAIS?

Muitos filósofos em suas teorias buscavam encontrar o além, o que está acima das nossas sensações e percepções, buscava a paz interior a paz suprema. Mas não só os filósofos como também poetas simbolistas buscavam encontrar essa paz, procuravam libertar-se da euforia



corriqueira do mundo. Eles a encontraram não através de meditação como fazem os budistas, a encontraram por meio de substâncias que ao serem ingeridas os levavam a um mundo repleto de sensações prazerosas de paz, leveza, desembaraço e felicidade.

Tais sensações superiores, que levam o homem por meio do artificial a alcançar o sobrenatural, as drogas foi um artifício que alguns poetas acharam para chegar a um “Paraíso”. É o que o poeta Baudelaire chamou de “Paraísos Artificiais”.

Estes infelizes que não jejuaram, nem oraram e que recusaram a redenção pelo trabalho, buscam na magia negra os meios de se elevarem, de uma só vez, à existência sobrenatural. A magia os engana e acende para eles uma falsa felicidade e uma falsa luz; enquanto nós poetas e filósofos regeneramos nossa alma pelo trabalho sucessivo e pela contemplação; pelo exercício assíduo da vontade e pela nobreza permanente da intenção, criamos para nosso uso um jardim de beleza verdadeira. Confiantes na promessa que diz que a fé remove montanhas, realizamos o único milagre cuja licença nos foi concedida por Deus. (BAUDELAIRE, 2010. p. 40).

Baudelaire menciona no poema do haxixe que muitos homens buscam encontrar a existência sobrenatural através da magia negra, o que segundo o autor traz uma falsa felicidade. O poeta ao qual Baudelaire se refere no poema do haxixe diz que a verdadeira felicidade se encontra através do Jardim de Beleza verdadeira, criado por eles. Tal jardim são os efeitos sentidos pela ingestão de substâncias entorpecentes como o ópio, o haxixe, o absinto, e o vinho.

Mostraremos as sensações dessas substâncias em alguns poemas de Baudelaire e em trechos da obra *Um comedor de ópio* de Thomas de Quincey. Esses poetas viviam uma vida regrada por drogas e tentaram repassar as sensações obtidas por eles quando as utilizavam.

4 PARAÍÇOS ARTIFICIAIS NA OBRA DE BAUDELAIRE E NA POESIA “AS CONFISSÕES DE UM COMEDOR DE ÓPIO” DE THOMAS DE QUINCEY

Baudelaire em sua obra *Paraísos artificiais* faz um breve ensaio sobre as sensações obtidas no homem ao utilizar substâncias alucinógenas, fala sobre os prazeres momentâneos e de felicidades causados por sua ingestão, sensações que levam o homem a sentir-se mais nobre, mais artista e mais justo, o ser chega a um estado excepcional dos sentidos e do espírito.

No período em que os poetas como também outras pessoas da sociedade utilizavam tais substâncias o seu uso não era completamente proibido, o que não nos impede de citar que muitos poetas e pessoas da alta sociedade do século XIX utilizavam substâncias psicotrópicas, para assim obterem desembaraços cotidianos. O que não é muito diferente dos dias atuais.

Nessa advertência ao leitor encontramos algumas informações sobre o povo misterioso que são os comedores de ópio, essa nação contemplativa perdida no seio da nação ativa. São numerosos, mais do que se imagina. Eles são professores,

filósofos, um lorde que frequenta as mais altas esferas, um subsecretário de Estado; se apenas um indivíduo chega a tomar conhecimento de tão numerosos exemplos da classe alta da sociedade, sem que tivesse tido intenção, que terrível estatística poderíamos então estabelecer para a população total da Inglaterra! (BAUDELAIRE, 2010. P. 43)

Baudelaire chamou de “Paraísos Artificiais” um livro publicado em 1860. Mas podemos levar em consideração o conteúdo real do livro para seu título, e apesar de Baudelaire discorrer sobre esses “paraísos” em sua obra de 1860, ele já fazia alusão a eles em seu livro *As Flores do Mal*, publicado em 1857. Sendo que tais paraísos não deixam de serem características do Simbolismo.

No poema “A Serpente que Dança”, o poeta menciona o vinho e a sensação obtida por sua ingestão, e ele o faz de forma sucinta e poética.

“Bebo de um vinho que me infunde
Amargura e calma,
Um líquido céu que difunde
Astros em minha alma!” (BAUDELAIRE, 1857.p.17).

O vinho, segundo o poema, “O vinho dos trapeiros” eleva a alma a um estado de mansidão, leva o homem para além do céu. O poeta menciona também em outros poemas sobre o vinho e suas sensações, o estímulo sentido para a produção da poesia, o esquecimento temporário das mágoas, e dos desenganos da vida no decorrer do tempo.

“Estes, que a vida em casa enche de desenganos,
Roídos pelo trabalho e as tormentas dos anos,
Derreados sob montões de detritos hostis
Confuso material que vomita Paria (...)”

“(...) Hoje o espaço é de luzes cheio!
Sem esporar, rédeas e freio,
Vamos a cavalo a um destino
Que o vinho torna um céu divino! (...)”
(BAUDELAIRE, 1857.p.65).

Baudelaire em *Os Paraísos Artificiais* diz que o vinho apenas consola, traz o esquecimento temporário, ao contrário do haxixe que “Causa no homem uma exasperação de sua personalidade e ao mesmo tempo um sentimento muito vivo das circunstâncias e dos ambientes” (2010. p.120).

Ele faz uma comparação do vinho com o haxixe, fazendo comparações por haver entre os dois algo em comum. Um traz uma leve impressão desordenada dos sentidos, porém o outro é violentamente embriagante. Para Baudelaire (2010),

Temos um licor que ativa a digestão, fortifica os músculos e enriquece o sangue. Tomando em grande quantidade apenas causa desordem passageira. Temos uma outra substância que interrompe as funções digestivas, que enfraquece os membros e pode causar uma embriagues de vinte e quatro horas. O vinho exalta vontade; o

haxixe a aniquila. O vinho é um suporte físico; o haxixe é uma arma para o suicídio. (BAUDELAIRE, 2010. P.126).

No poema “Hino à beleza”, o poeta descreve as sensações do haxixe como algo belo, algo divino, e a impressão causada por sua utilização vêm de modo camuflado. E por mais que tal sensação se mostre a priori bela gigantesca e horrenda queremos novamente experimentar.

Vens tu do céu profundo ou saís do precipício,
Beleza? Teu olhar, divino, mas daninho,
Confusamente verte o bem e o malefício, (...)

venhas lá do céu ou do inferno, que importa,
Beleza! Ó monstro ingênuo, gigantesco e horrendo!
Se teu olhar, teu riso, teus pés me abrem a porta (...)

(BAUDELAIRE, 1857.p.13)

Para o autor, não a nada mais divino e excepcional como o estado de espírito sentido após a utilização dessa droga. Em sua obra *Os Paraísos Artificiais* ele enfatiza que

(...) o que há de mais extraordinário neste estado excepcional do espírito e dos sentidos, que posso sem exageros chamar de paradisíaco, se o comparo às pesadas trevas da existência comum e cotidiana, é que ele não foi criado por nenhuma causa visível e fácil de ser definida. (BAUDELAIRE, 2010, p. 4)

E não é somente o vinho e o haxixe que Baudelaire menciona em seus poemas, o ópio também é citado no poema “O Veneno”, como também o efeito causado por ele.

Aprofunda o ilimitado,
“(...) O ópio dilata o que contornos não têm mais,
Alonga o tempo, escava a volúpia e o pecado,
E de prazeres sensuais
Enche a alma para além do que conter lhe é dado”
(BAUDELAIRE, 1857.p.28).

O autor em seus poemas menciona o que o ópio causa no indivíduo que o ingere, percebemos a busca do homem a alcançar algo além do permitido a alguém sóbrio, sensação que só se sente por intermédio de alucinógenos, observou que o ópio faz com que o homem sinta-se em um estado de divina luxúria, de felicidades momentâneas. O poeta afirma em sua obra *Os Paraísos Artificiais* que

(...) o ópio produzira seu efeito costumeiro que é revestir todo o mundo exterior de uma intensidade de interesses. No tremular de uma folha-, na cor da relva (...) no suspiro do vento-, nos vagos odores vindos da floresta-, produzia-se todo um mundo de inspirações, uma precisão magnífica e matizada de pensamentos desordenados e rap sódicos. (BEDLOE apud BAUDELAIRE 2010, p.28).



Charles Baudelaire não discorre tão detalhadamente sobre as sensações causadas pelo uso do ópio e do vinho na “As Flores do Mal”. No entanto, De Quincey o faz esplendidamente em seu poema “As Confissões de um comedor de ópio”.

Ó justo, sutil e poderoso ópio! Tu que ao coração do pobre como do rico, às feridas que não cicatrizam jamais e as angústias que induzem o espírito à rebelião, trazes um bálsamo suavizam-te; eloquente ópio! Tu, que por tua poderosa retórica, desarmas as resoluções da cólera e que, por uma noite, devolves ao homem culpado as esperanças de sua juventude e suas antigas mãos puras de sangue; que, ao homem orgulhoso, dás um esquecimento passageiro dos erros não redimidos e dos insultos não vingados (...); e da anarquia do sono evocas a luz do sol os rostos de belezas enterradas há longo tempo, purificadas dos ultrajes da sepultura. Só tu dás ao homem tais tesouros e possuis as chaves do paraíso, ó justo, sutil e poderoso ópio! (DE QUINCEY, 2002, p.96-97).

Sabemos que Thomas de Quincey compôs “As confissões de um comedor de ópio”, para assim detalhar os efeitos e sensações sentidos por ele quando ingeria a substância. Em sua obra escrita em 1821, De Quincey expõe as razões que o levaram a escrever suas confissões, ele diz “(...) desenredei, quase até o último nó, o emaranhado de cordas que me atava” (DE QUINCEY, 2002, p. 21).

O autor em sua obra explica a diferença das sensações obtidas pela ingestão do ópio para a do vinho, de maneira que o primeiro não perturba as funções mentais, ao contrário do segundo. Ele diz que o uso do ópio aumenta a atividade geral da mente.

O ópio, ao contrário, dá serenidade e harmonia a todas as faculdades ativas ou passivas; e com respeito pela índole e sentimentos morais em geral, simplesmente fornece aquele calor vital que é aprovado pelo julgamento e que provavelmente sempre acompanhou a constituição física de uma saúde antediluviana ou ancestral. (DE QUINCEY, 2002, p. 8)

O prazer causado pela ingestão do vinho se eleva, durante pouco tempo e depois vai decrescendo. O prazer causado pelo ópio, uma vez criado, conserva-se durante oito a dez horas. O primeiro prazer, agudo. O segundo, prazer crônico. (BAUDELAIRE, 2010)

Os primeiros efeitos do ópio são sempre de estimular e exaltar o homem e a trazer ao sujeito um aglomerado de pensamentos, a inteligência torna-se escrava e o aglomerado de pensamentos é comandado pelo acaso das circunstâncias e pelo mundo exterior.

Assim como “o ópio, o haxixe causa um aglomerado de pensamentos, mas aqui, o raciocínio são fragmentos inteiramente dependentes de todas as correntes e o aglomerado é infinitamente mais rápido” (BAUDELAIRE, 2010). O haxixe tem seu efeito muito mais perturbador que o ópio, e não revela ao sujeito nada além do próprio sujeito.

De Quincey fala ainda mais do ópio e seus efeitos em seu trabalho. Em “Os Paraísos Artificiais”, Baudelaire diz que De Quincey em suas Confessions, “afirma com razão que o ópio, em lugar de adormecer o homem, excita-o, mas apenas por sua via natural” (BAUDELAIRE, 2010,



P.29). Charles Baudelaire utiliza as palavras de Barbereau, para dizer que o homem não precisa necessariamente utilizar substâncias psicotrópicas para chegar a um estado supranatural.

Não compreendo por que o homem racional e espiritual serve-se de meios artificiais para alcançar o êxtase poético, pois o entusiasmo e a vontade basta para elevá-lo a uma existência supranatural. Os grandes poetas, filósofos, os profetas são seres que, pelo puro e livre exercício da vontade, alcançam um estado onde são, ao mesmo tempo, causa e efeito, sujeito e objeto, magnetizador e sonâmbulo. (BAUDELAIRE, 2010. P.127).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com este trabalho que o Simbolismo foi um movimento que teve seu surgimento marcado por um período muito importante para o homem que foi a revolução industrial. E que os poetas criaram um modelo diferente de poesia que chama bastante a atenção por ser voltado para o subjetivo, o metafísico, o subconsciente para além das coisas que se vê e se espera em nosso mundo real. Constatou-se que muitos dos poetas simbolistas buscavam por meio de alucinógenos o desligamento das coisas corriqueiras da vida, e verificamos também, segundo as observações feitas nos poemas encontrados nas obras “Os Paraísos Artificiais” e “As flores do Mal”, a presença das drogas na vida e na poesia de muitos poetas simbolistas, o qual eles mesmos chamavam de “terceiro olho do poeta”. Podemos dizer que o homem tem um gosto frenético por todas as substâncias que exaltem sua personalidade, sendo elas sãs ou perigosas. Mas é necessário ver os resultados.

No século XIX os homens buscavam por algumas razões encontrar substâncias que produzissem experiências psicotrópicas, uma das razões se dava ao clima entediante que consumia a vida moderna, outra razão era a busca pela originalidade, pela asserção enquanto sujeito. Nesse sentido, o ópio, o vinho e o haxixe, devido as suas características pouco usuais e únicas, proporcionavam os meios essenciais para os sujeitos saírem da modorra do dia a dia. Os “paraísos artificiais” foi uma ferramenta imprescindível para se pensar para além do horizonte romântico dominante. Mas apesar de as substâncias alucinógenas tornarem a imaginação do homem mais sutil, trazerem prazeres mórbidos, esgota gradualmente às forças físicas, assim mesmo eles as utilizavam. Nesse sentido não se faz necessário o uso de entorpecentes para que se chegue a um êxtase poético, o que é realmente necessário é o entusiasmo e a vontade.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bianca. **Roberto Gomes e o Simbolismo no teatro brasileiro**. In: FRAGA, Eudiny, **Simbolismo no teatro brasileiro**, São Paulo, Editora Art e Tec 1992.

BALAKIAN, Anna. **O simbolismo**. Editora Perspectiva. 1985.

BAUDELAIRE, Charles. **Las flores del mal**. Introción en verso y notas de Carlos Pujol: Planeta, 1857, 114p. Disponível em: < www.projetovemeser.com.br>. Acesso em: 19/02/2015.

BAUDELAIRE, Charles. **Os paraísos artificiais**. Editor; Editorial Estampa. Coleção: Clássicos de sempre. Edição/reimpressão 2010. Disponível em: < [www.wook.pt.Literatura Fantástica](http://www.wook.pt/Literatura%20Fant%C3%A1stica)>. Acesso em: 19/02/2015

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora, Cultrix, 2009 edição 41 528p.

CANDIDO, Antônio. CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: história e antologia**. 8ª ed.- Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.

DE ESPÍNDOLA, Arlei. Filosofia: **Iniciação ao estudo do pensamento clássico**. Editoração eletrônica; Maria de Lourdes Monteiro. Londrina: UEL, 2011.290p.

DE QUINCEY, Thomas. **Confissões de um comedor de ópio**. Tradução de Ibañez Filho. Porto Alegre: L&PM, 2002, 146p.

_____. **Paraísos Artificiais: o haxixe, o ópio e o vinho**. Porto Alegre: L&, 1998.

PLATÃO: **Os pensadores**. Diálogos/Platão; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. ____ 5. Ed. ____ São Paulo: Nova Cultura 1991 –(Os Pensadores). Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitasource>>

SAMUEL, Albert. **As religiões hoje [tradução Benôni Lemos]**. - São Paulo: Paulus, 1997, 119 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Editora: Edições Publicações Brasil RJ- Rio de Janeiro, 1963.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contrapontos, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e Representação** livro III(1788-1860). Tradução: Wolfgang Leo Maar. Edição Acrópolis; Versão para eBooks. eBooks.g Com. Fonte Digital: br. Egroups. Com/ group/acrópolis/ 2001, 2006 Arthur Schopenhauer

REFERÊNCIAS DA INTERNET

Versão eletrônica do diálogo platônico “Fédon”. www.joaquimdecarvalho.org. Acessado em: 19/02/2015.

ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131